



JÚLIA TEIXEIRA NAVES

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO REALIZADO NO
HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE – MG**

LAVRAS – MG

2023

JÚLIA TEIXEIRA NAVES

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO REALIZADO NO HOSPITAL VETERINÁRIO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE – MG**

Relatório de estágio supervisionado apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Medicina Veterinária, para a obtenção do título de Bacharel.

Professor Dr. Leonardo Augusto Lopes Muzzi
Orientador

LAVRAS – MG

2023

JÚLIA TEIXEIRA NAVES

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO REALIZADO NO HOSPITAL VETERINÁRIO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE – MG**

**SUPERVISED INTERNSHIP REPORT CARRIED OUT AT THE VETERINARY HOSPITAL OF
THE FEDERAL UNIVERSITY OF MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE – MG**

Relatório de estágio supervisionado apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Medicina Veterinária, para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em 01 de dezembro de 2023
Prof. Dr. Leonardo Augusto Lopes Muzzi, UFLA
Med. Vet. Rafaela Aparecida Ribeiro, UFLA
Med. Vet. Daniel Munhoz Garcia Perez Neto, UFLA

Professor Dr. Leonardo Augusto Lopes Muzzi
Orientador

LAVRAS – MG

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado uma vida com tantas bênçãos, oportunidades e pessoas queridas. Em segundo lugar, agradeço à minha base: minha mãe, Cláudia, meu pai, Ivan, e minha irmã, Lívia, que abraçaram meu sonho e me possibilitaram realizá-lo mesmo em meio as dificuldades, vocês tem minha gratidão. Aos meus familiares, pelo apoio e confiança. À minha vovó Genoveva, que é a avó mais fofa que eu poderia ter, sempre se preocupando e me enchendo de quitandas durante minhas idas para casa. À minha prima, Rafaela, que me abrigou com tanto carinho e prontidão em Belo Horizonte durante o estágio. Às minhas amigas de longa data, Mariana e Daniela, e ao grupo Piaras, que sempre torceram pelo meu sucesso, mesmo que isso significasse eu estar longe. Agradeço também aos meus amigos do NEP, vocês se tornaram minha família e se fizeram casa durante todos esses anos, sou muito grata a vocês pelos momentos incríveis compartilhados juntos. À Alice, minha irmã de vida e parceira de todas as horas, e Pedro, pela amizade, companheirismo e risadas, vocês são mais especiais do que imaginam. Às minhas companheiras de casa, Cacau e Gabriella, com as quais dividi detalhes da minha vida, alegrias e tristezas, em especial à Cacau: você estava lá desde o dia 01, cuidando daquela Júlia apavorada de 17 anos que nunca tinha saído da casa dos pais. Às minhas amigas de estágio supervisionado, Paola, Júlia Andrade, Maria Eduarda, Rafaela e Carol, que me acompanharam nessa jornada e tornaram a rotina diária mais leve e divertida. Aos meus amigos de Belo Horizonte, que me apresentaram a cidade e proporcionaram bons momentos de lazer e descontração. Agradeço à Universidade Federal de Lavras, aos professores e servidores que acompanharam minha caminhada durante os cinco anos de graduação, em especial ao meu orientador, professor Leonardo Muzzi, pela disponibilidade, confiança e conhecimento compartilhado, e aos membros da minha banca, Rafaela Ribeiro e Daniel Munhoz, que aceitaram o convite e foram extremamente solícitos. À professora Angélica Wouters, por todo o período de orientação na iniciação científica e no PATHOS. Ao professor Murgas, por proporcionar a participação no HARMOS e por acreditar na nossa capacidade. Aos núcleos de estudo com os quais me envolvi, PATHOS e HARMOS, pelo conhecimento adquirido, crescimento pessoal e bons amigos formados. Por fim, agradeço aos profissionais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, em especial ao professor Rodrigo Horta, pela supervisão do estágio, disponibilidade em ensinar e pelas oportunidades de colocar meus conhecimentos em prática.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

A disciplina PRG107 – Estágio Supervisionado é componente obrigatório para a conclusão do curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Lavras. A carga horária deste componente curricular é de 476 horas, sendo que 408 horas são práticas e 68 horas são teóricas, destinadas à elaboração do trabalho de conclusão de curso (TCC). O presente trabalho tem como objetivo relatar o estágio supervisionado realizado no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte – MG, na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, sob orientação do Prof. Dr. Leonardo Augusto Lopes Muzzi e supervisão do Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Horta. O período das atividades foi de 07/08/2023 a 27/10/2023, de segunda a sexta-feira, das 08h às 17h, contabilizando carga horária total de 464 horas práticas. Foram acompanhados 163 casos, sendo 133 caninos e 30 felinos. Ao longo do trabalho serão descritos aspectos como funcionamento do estabelecimento, estrutura física, atividades desenvolvidas e casuística acompanhada durante o estágio supervisionado.

Palavras-chave: Cirurgia Veterinária. Estágio Supervisionado. Clínica Médica. Ensino Superior. Pequenos animais.

ABSTRACT

The subject PRG107 – Supervised Internship is a mandatory component for completing the Veterinary Medicine course at the Federal University of Lavras. The workload of this curricular component is 476 hours, of which 408 hours are practical and 68 hours are theoretical, intended for preparing the course conclusion work (TCC). The present work aims to relate the supervised internship carried out at the Veterinary Hospital of the Federal University of Minas Gerais in Belo Horizonte – MG, in the area of the Small Animal Surgical Clinic, under the guidance of Prof. Dr. Leonardo Augusto Lopes Muzzi and supervision by Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Horta. The activity period was from 08/07/2023 to 10/27/2023, from Monday to Friday, from 08 a.m to 05 p.m, accounting for a total workload of 464 practical hours. A total of 163 cases were monitored, 133 canines and 30 felines. Throughout the work, aspects such as the operation of the establishment, physical structure, activities developed and case studies monitored during the supervised internship will be described.

Keywords: Veterinary Surgery. Supervised Internship. Internal Medicine. University education. Small animals.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Número absoluto (N) de animais acompanhados, em relação a espécie e sexo, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023	31
Tabela 2- Número absoluto (N) e frequência (%) de caninos acompanhados, em relação ao padrão racial, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.....	32
Tabela 3- Número absoluto (N) de caninos acompanhados, em relação a idade e sexo, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.	33
Tabela 4- Número absoluto (N) de felinos acompanhados, em relação a idade e sexo, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.	34
Tabela 5- Número absoluto (N) e frequência (%) de caninos acompanhados, em relação ao sistema orgânico acometido, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.	36
Tabela 6- Número absoluto (N) e frequência (%) de felinos acompanhados, em relação ao sistema orgânico acometido, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.....	37
Tabela 7- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Reprodutor e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023	38
Tabela 8 - Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Tegumentar e anexos e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.	40
Tabela 9- Diretrizes para determinar a técnica cirúrgica e extensão para tumores mamários caninos únicos, dependendo da localização, conforme definido no Consenso de 2020.	42
Tabela 10- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Osteomuscular e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023	43
Tabela 11- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao	

Sistema Digestório e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023	47
Tabela 12- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Urinário e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.	49
Tabela 13- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Linfático e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.	50
Tabela 14- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Oftálmico e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.	52
Tabela 15- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Nervoso e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fachada da entrada e estacionamento externo do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	15
Figura 2- Sala da recepção do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	15
Figura 3 – Corredores do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	16
Figura 4 - Consultório padrão do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	16
Figura 5- Corredor do segundo andar do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	17
Figura 6 - Sala de ultrassonografia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	17
Figura 7 - Entrada da Internação da Cirurgia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	18
Figura 8 – Sala de internação de felinos do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	18
Figura 9 - Corredor da Internação da Cirurgia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	19
Figura 10 - Porção final do corredor da Internação da cirurgia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	19
Figura 11- Sala de internação pós-cirúrgica de cães do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	20
Figura 12- Sala de internação pré cirúrgica de cães do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	21
Figura 13- Salas de preparo cirúrgico de cães e gatos do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	22
Figura 14- Entrada do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	22
Figura 15- Corredor inicial das dependências do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	23
Figura 16- Corredor principal do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.	23
Figura 17- Sala de Cirurgias Experimentais do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do	

Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.....	24
Figura 18- Complexo cirúrgico do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.....	24
Figura 19- Salas de Cirurgia 1 e 2 do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.....	25
Figura 20- Entrada das Salas Cirúrgicas e sala de paramentação 2 do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.....	26
Figura 21- Sala de Cirurgias de Rotina e Sala de Neurocirurgias, Cirurgias Oftálmicas e Videolaparoscopias do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.....	26
Figura 22- Porção final do corredor do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.....	27
Figura 23- Central de Amostras do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.....	27
Figura 24- Planta baixa representativa da estrutura física do Setor de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.....	28
Figura 25- Próstata removida após procedimento de prostatectomia total realizada em um cão com neoplasia prostática.....	39
Figura 26- Procedimento de postioplastia por circuncisão para correção de fimose em felino.....	40
Figura 27- Radiografia em cão evidenciando múltiplas fraturas em pelve e luxação coxofemoral direita.....	45
Figura 28- Procedimento cirúrgico em cão para correção de fraturas em pelve e luxação coxofemoral.....	45
Figura 29- Procedimento cirúrgico de TPLO para correção de ruptura de ligamento cruzado cranial em cão.....	46
Figura 30- Correção de eventração abdominal traumática em cão com uso de tela de Polipropileno.....	48
Figura 31- Procedimento cirúrgico para realização de nefrectomia total em cão.....	50
Figura 32- Baço neoplásico com ruptura após esplenectomia em cão.....	51
Figura 33 - Enxerto córneo de membrana amniótica em felino.....	53
Figura 34- Procedimento de hemilaminectomia para correção de extrusão de disco intervertebral Hansen tipo I em cão.....	55

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Número absoluto (N) de animais acompanhados, em relação a espécie e sexo, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023	31
Gráfico 2- Número absoluto (N) de caninos acompanhados, em relação ao padrão racial, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.	33
Gráfico 3- Número absoluto (N) de caninos acompanhados, em relação a idade e sexo, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.	34
Gráfico 4- Número absoluto (N) de felinos acompanhados, em relação a idade e sexo, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.	35
Gráfico 5- Número absoluto (N) de caninos acompanhados, em relação ao sistema orgânico acometido, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.....	36
Gráfico 6- Número absoluto (N) de felinos acompanhados, em relação ao sistema orgânico acometido, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.....	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. LOCAL DE ESTÁGIO	14
2.1. Apresentação do estabelecimento.....	14
2.2. Descrição física do local.....	14
3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	28
3.1. Atendimento clínico/cirúrgico.....	29
3.2. Internação/preparo.....	29
3.3. Bloco cirúrgico.....	30
3.4. Consultas oncológicas.....	30
4. CASUÍSTICA ACOMPANHADA	30
4.1. Sistema Reprodutor.....	38
4.2. Sistema Tegumentar e anexos.....	40
4.3. Sistema Osteomuscular.....	43
4.4. Sistema Digestório.....	47
4.5. Sistema Urinário.....	49
4.6. Sistema Linfático.....	50
4.7. Sistema Oftálmico.....	52
4.8. Sistema Nervoso.....	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

1 INTRODUÇÃO

O curso de Medicina Veterinária é um dos ofertados pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e possui, ao todo, 10 semestres. Durante o curso, o aluno recebe uma formação generalista, com enfoque em diversas áreas de conhecimento, mas há também atividades flexibilizadas, por meio das quais o aluno direciona a formação para a sua área de interesse.

O último semestre da graduação é composto pela disciplina PRG107 – Estágio Supervisionado. Ao concluir todos os requisitos para se matricular na disciplina, o aluno, em conjunto com o professor orientador de sua escolha, define o local de realização do estágio, que é componente obrigatório para a formatura. A carga horária é de 476 horas, sendo que 408 horas são práticas, destinadas à realização de atividades em área de interesse do aluno, e 68 horas são teóricas para elaboração do trabalho de conclusão de curso (TCC).

O presente trabalho tem como objetivo relatar o estágio supervisionado realizado no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte – MG, na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, sob orientação do Prof. Dr. Leonardo Augusto Lopes Muzzi e supervisão do Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Horta. O período das atividades foi de 07/08/2023 a 27/10/2023, de segunda a sexta-feira, das 08h às 17h, com intervalo de 1 hora para almoço, contabilizando carga horária prática total de 464 horas. Durante esse período, a rotina do estágio foi dividida em 3 atividades: acompanhamento de atendimentos clínicos gerais e de especialidades, auxílio na internação cirúrgica de cães e gatos e acompanhamento e participação em procedimentos no bloco cirúrgico. Em conjunto com essas atividades, também foi possível acompanhar o atendimento clínico e cirúrgico de pacientes oncológicos, área de atuação do professor supervisor. Houve também participação em aulas, palestras e discussão de casos clínicos em conjunto com professores, residentes e Médicos Veterinários do Hospital Veterinário/UFGM.

2 LOCAL DE ESTÁGIO

2.1 Apresentação do estabelecimento

O Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais (HV/UFMG) é um órgão complementar da Escola de Veterinária da UFMG que desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão. O HV é composto por diversos setores, como Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Patologia e Diagnóstico por Imagem. Segundo o site da instituição, o hospital realiza cerca de 35.000 atendimentos por ano e assiste desde animais domésticos até algumas espécies de animais silvestres, sendo também responsável pelo atendimento dos animais resgatados pela empresa Vale desde o acidente da barragem em Brumadinho - MG. O HV fica localizado na Avenida Presidente Antônio Carlos, número 6627, bairro São Luiz, Belo Horizonte – MG e seu funcionamento é de segunda a sexta-feira de 07h às 19h e sábados, domingos e feriados de 08h às 18h.

O HV oferece atendimentos gerais e em especialidades: cardiologia, oncologia, oftalmologia, neurologia, dermatologia, ortopedia, nefrologia, odontologia, felinos e infectologista em Leishmaniose. A equipe é composta por professores, Médicos Veterinários Residentes, Médicos Veterinários concursados para auxiliar e agregar ao aprendizado dos Residentes, enfermeiros, técnicos, auxiliares de serviços gerais, assistente social, secretários, pós-graduandos, além de estagiários em estágio obrigatório e alunos da UFMG em atividade vivencial oferecida pela Universidade. A Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, setor escolhido para realização do estágio, recebe animais encaminhados da Clínica Médica do HV/UFMG e também de clínicas particulares de Belo Horizonte e região. Os procedimentos cirúrgicos são realizados de forma eletiva ou em casos de urgência e emergência, sendo que, no caso de operações eletivas, as internações dos animais agendados têm início às 07h, todos os dias. O Hospital também conta com profissionais escalados em plantões noturnos, com início às 19h e término às 07h do dia seguinte, para cuidados com os animais internados.

2.2 Descrição física do local

O HV/UFMG está situado dentro da Escola de Veterinária da UFMG, na região da Pampulha, em Belo Horizonte – MG. Na entrada do hospital, há um estacionamento para atender clientes, professores, graduandos, pós-graduandos, estagiários e outros profissionais do estabelecimento (Figura 1).

Figura 1- Fachada da entrada e estacionamento externo do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Para ter acesso ao atendimento, é necessário que o cliente se identifique na recepção e realize seu cadastro. O ambiente conta com sala de triagem, banheiros e assentos para os tutores aguardarem o atendimento, além de ser equipado com aparelho de ar condicionado (Figura 2). O atendimento para consultas clínicas gerais não é agendado e ocorre de acordo com a ordem de chegada. Por outro lado, o atendimento com especialidades possui horário marcado devido a alta demanda. O sistema utilizado pelo HV é o Doctor Vet e, a partir dele, é possível cadastrar os clientes, solicitar atendimento, fazer pedido de materiais na farmácia, prescrever receitas, solicitar exames, entre outras ações.

Figura 2 – Sala da recepção do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

No momento em que tutor e paciente são chamados pelo Médico Veterinário para consulta, os mesmos são conduzidos por uma porta com acesso controlado por senha e adentram o ambiente interno do HV. Ao todo, o primeiro andar conta com seis consultórios, tesouraria, secretaria e farmácia (Figura 3).

Figura 3 – Corredores do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Os consultórios (Figura 4) são todos numerados e equipados com: mesa de inox para atendimento, mesa com computador, cadeiras para os tutores e veterinário, pia, lixeira comum e para materiais infectantes, coletor de perfurocortantes, bancada com utensílios hospitalares (luva, gaze, algodão, almotolias com solução antisséptica, água oxigenada, esparadrapo, micropore, lâminas de vidro) e aparelho de ar condicionado.

Figura 4 – Consultório padrão do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Ao final do corredor do primeiro andar há uma escadaria e um elevador para acesso ao segundo andar, onde há mais quatro consultórios, sala de ultrassonografia, banheiros, setor administrativo, sala de conforto médico e cozinha para uso dos funcionários (Figura 5).

Figura 5 – Corredor do segundo andar do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

A sala de ultrassonografia (Figura 6), conta com ultrassom da marca Esaote, mesa de inox com calha, máquina de tricotomia, aquecedor de gel condutor, bancada com utensílios hospitalares (luva, gaze, algodão, almotolias com solução antisséptica, água oxigenada, esparadrapo, micropore, lâminas de vidro), pia, lixeira comum e para materiais infectantes, coletor de perfurocortantes, mesa com computador, cadeiras e aparelho de ar condicionado. Pensando no bem-estar e conforto dos animais durante a realização do exame, que muitas vezes pode ser estressante, a sala também é equipada com difusor de ambiente para óleos essenciais e sons para ambientação. As imagens e laudos são feitos pelos Médicos Veterinários Residentes do setor e também pela técnica Veterinária responsável.

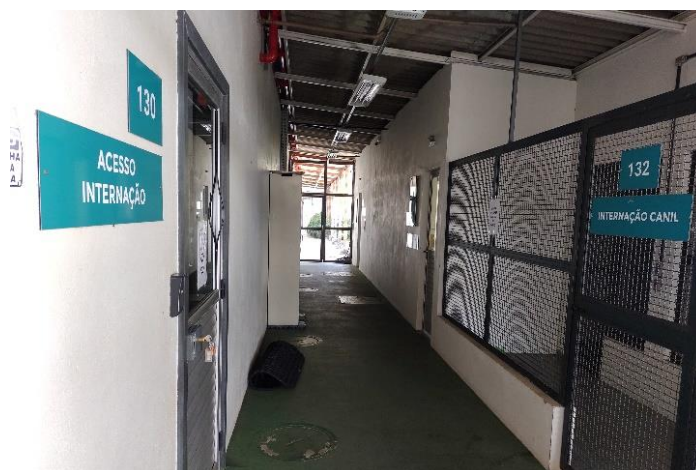
Figura 6 – Sala de ultrassonografia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

A internação da cirurgia (Figura 7) é localizada adjacente ao hospital escola. Já na entrada, do lado direito, encontram-se quatro baias externas para internação de cães de grande porte e a sala de internação pré e pós-cirúrgica de felinos (Figura 8). O gatil é equipado com 12 baias elevadas construídas em alvenaria e 2 solários, cada qual com um sistema de drenagem individual e porta de vidro temperado com 6 orifícios para entrada de ar, além de mesa de inox, pia, bancada com utensílios hospitalares (luva, gaze, algodão, almotolias com solução antisséptica, água oxigenada, esparadrapo, micropore, lâminas de vidro), lixeira comum e para materiais infectantes, coletor de perfurocortantes, incubadora e aparelho de ar condicionado. Todos os pacientes felinos são recebidos e manejados nessa sala, a fim de evitar o estresse e contato com outros animais.

Figura 7 – Entrada da internação da cirurgia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Figura 8 – Sala de internação de felinos do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Do lado esquerdo há uma porta automática que dá acesso a um novo corredor, onde se encontram as salas de internação de cães, salas de preparo pré-anestésico, estrutura para banho dos animais internados, mesas com computadores para criação de boletins, lançamentos de produtos da farmácia, entre outros afazeres, e um quadro branco para informações gerais acerca de cirurgias agendadas para o dia (data e horário do procedimento, número da ficha, nome do paciente, espécie, procedimento a ser realizado, cirurgião e anestesistas responsáveis e sala) (Figura 9). Ao final desse corredor há o depósito de materiais de limpeza (DML), macas para transporte dos pacientes sedados ou debilitados e uma janela por onde os animais já preparados são entregues à equipe do Bloco Cirúrgico (Figura 10).

Figura 9 – Corredor da internação da cirurgia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Figura 10 – Porção final do corredor da internação da cirurgia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

A internação pós-cirúrgica de cães (Figura 11) é equipada com 12 baias de alvenaria elevadas, com sistema de drenagem individual e porta de vidro temperado com 6 orifícios para entrada de ar, além de outras duas baias maiores no fundo da sala para abrigar cães de médio e grande porte. A sala também conta com uma mesa de inox, pia, carrinho com utensílios hospitalares (luva, gaze, algodão, almotolias com solução antisséptica, água oxigenada, esparadrapo, micropore, lâminas de vidro, caixa com doppler e manguitos para avaliação da pressão arterial, glicosímetro e fitas para aferir glicemia, tapetes higiênicos), armário para estoque de utensílios básicos (seringas, cateteres, agulhas, tampas ocluseras, PRN, torneira de três vias, tubos de coleta de sangue, extensores de equipo, kit básico para sutura, sondas nasogástricas e uretrais, bolsas de fluidoterapia), bombona com estoque de ração, lixeira comum e para materiais infectantes, coletor de perfurocortantes, suportes para bombas infusoras, que devem ser solicitadas na farmácia conforme demanda, e um quadro branco para informações dos pacientes. Além disso, também possui potes para fornecimento de água e alimentação individual, cobertores para os pacientes e sistema de oxigênio. A sala, assim como todas as outras dispostas ao longo do corredor da internação cirúrgica de cães, é equipada com um sistema de ar condicionado, o que permite maior conforto tanto dos animais quanto dos funcionários nos dias mais quentes.

Figura 11 – Sala de internação pós-cirúrgica de cães do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

A sala de internação pré-cirúrgica (Figura 12) também é equipada com 12 baias de alvenaria elevadas, com sistema de drenagem individual e porta de vidro temperado com 6 orifícios para entrada de ar, além de outras duas baias maiores no fundo da sala para abrigar animais de médio porte. Possui mesa de inox, pia, carrinho com utensílios hospitalares (luva, gaze, algodão, almotolias com solução antisséptica, água oxigenada, esparadrapo, micropore,

lâminas de vidro), geladeira para armazenamento de alimentação e medicamentos dos internados, micro-ondas, lixeira comum e para materiais infectantes e coletor de perfurocortantes.

Figura 12 – Sala de internação pré-cirúrgica de cães do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Antes de serem direcionados para o Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais (BCPA), todos os pacientes, cães ou gatos, devem passar pela sala de preparo. Na sala, os animais passam por avaliação pré-anestésica, com mensuração de parâmetros básicos (ausculta cardíaca, pulmonar, pressão arterial, glicemia), aplicação de medicação pré-anestésica, canulação venosa, tricotomia da área cirúrgica, da região de artéria radial para aferição de pressão arterial não invasiva e, em alguns casos, a depender da conduta do anestesista, também é feita tricotomia em região de artéria podal dorsal de ambos os membros pélvicos para aferição de pressão arterial invasiva durante o procedimento cirúrgico. No total, há duas salas de preparo, numeradas em 1 e 2 (Figura 13). Ambas são equipadas com os mesmos materiais: mesas de inox, tricótomos fixos em cada uma das mesas, pia, carrinho com utensílios hospitalares (luva, gaze, algodão, almotolias com solução antisséptica, água oxigenada, esparadrapo, micropore), lixeira comum e para materiais infectantes e coletor de perfurocortantes.

Figura 13 – Salas de preparo cirúrgico de cães e gatos do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

O preparo é feito com a participação dos Residentes da Anestesiologia, da Cirurgia e com os estagiários de ambos setores. Os pacientes, quando prontos, são entregues à equipe do BCPA por uma janela exclusiva para passagem de animais ao final do corredor da internação.

O acesso humano ao BCPA é feito por uma entrada externa à internação da cirurgia (Figura 14). Há uma porta com abertura protegida por senha que restringe o acesso exclusivamente aos funcionários do setor, impedindo a entrada de terceiros. Ao passar por ela, há um corredor com armários e dispensers para estoque de pijama cirúrgico, touca, máscara e propé (Figura 15). O corredor também possui duas portas que levam aos vestiários, um feminino e um masculino. Qualquer pessoa, seja Médico Veterinário, enfermeiro, estagiário ou estudante, deve se equipar com as vestimentas próprias do Hospital Veterinário da UFMG no vestiário antes de entrar no BCPA.

Figura 14 – Entrada do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

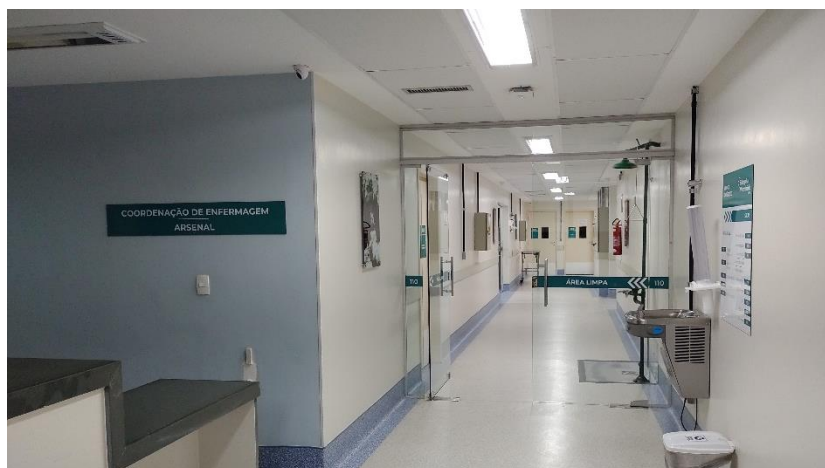
Figura 15 – Corredor inicial do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Ao passar dos vestiários, há um corredor amplo dividido em área limpa e área suja (Figura 16). Na área suja há uma janela para comunicação com a secretaria do Bloco, além de um ambiente denominado Coordenação de Enfermagem e Arsenal, que contém uma sala de Enfermagem e uma Farmácia Satélite. As salas cirúrgicas, contidas na área limpa, são divididas em: Cirurgias Experimentais; Complexo Cirúrgico, contendo as Salas de Cirurgia 1 e 2, e sala de Paramentação; Cirurgias de Rotina; Videoartroscopias; Neurocirurgias/Cirurgias Oftálmicas/Videolaparoscopias. Além disso, há uma sala de paramentação adicional, sala de esterilização, UTI e expurgo.

Figura 16 – Corredor principal do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

A primeira sala à esquerda é a de Cirurgias Experimentais (Figura 17). É geralmente utilizada para endoscopias, sendo equipada com um equipamento de videoendoscopia da marca

Olympus, mesa de inox, aparelho de anestesia da marca Mindray, um computador e utensílios hospitalares (luva, gaze, algodão, almotolias com solução antisséptica, esparadrapo, micropore), lixeira comum e para materiais infectantes e coletor de perfurocortantes.

Figura 17 – Sala de Cirurgias Experimentais do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Seguindo pelo corredor, há uma porta de vidro à esquerda que dá acesso ao Complexo Cirúrgico (Figura 18). No primeiro ambiente do complexo, encontra-se um computador para realizar pedidos na farmácia, descrição de procedimentos cirúrgicos, entre outras funções. Nesse local há outras 3 portas, uma para acesso à sala de paramentação 1 e outras duas direcionadas cada uma para uma sala de cirurgia, numeradas em 1 e 2. Na sala de paramentação 1 há uma cuba extensa e 4 torneiras para higiene das mãos, que é feita com uma escova estéril comercial embebida em clorexidine degermante 2%. Há também duas bancadas, cada qual em um lado da sala, onde os materiais estéreis para paramentação, aventais descartáveis e luvas, são posicionados. Ainda na sala de paramentação, há duas portas posicionadas em paredes opostas que dão acesso às Salas de Cirurgia 1 e 2, citadas anteriormente.

Figura 18 – Complexo cirúrgico do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

As Salas de Cirurgia 1 e 2 (Figura 19) são as mais amplas do BCPA, sendo normalmente utilizadas para a realização de aulas da graduação e pós-graduação. Cada uma das salas é equipada com duas mesas inox para posicionamento dos pacientes, duas mesas de inox para instrumentais cirúrgicos e outras duas mesas de inox para os materiais ainda fechados a serem utilizados durante a cirurgia, como fios de sutura, compressas e gazes estéreis, etc. As salas também possuem, cada uma, dois aparelhos de anestesia da marca Mindray, dois monitores multiparamétricos portáteis da marca Mindray, focos cirúrgicos de teto da marca GrupoKSS, carrinho com utensílios hospitalares (luva, gaze, algodão, almotolias com solução antisséptica, água oxigenada, esparadrapo, micropore, lâminas de vidro), lixeiras comuns e para materiais infectantes e coletor de perfurocortantes. Adicionalmente, um dos focos da Sala de Cirurgia 1 é equipado com câmera, o que torna possível a transmissão do procedimento cirúrgico em um monitor de televisão. Na Sala de Cirurgia 2, fica alocado um arco cirúrgico da marca General Electric, que é capaz de fornecer imagens radiográficas em tempo real durante o transcirúrgico.

Figura 19 – Salas de Cirurgia 1 e 2 do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

À direita no corredor principal do Bloco Cirúrgico, encontram-se sala de Cirurgias de Rotina, sala de Videoartroscopias, sala de Neurocirurgias, Cirurgias Oftálmicas e Videolaparoscopias e sala de paramentação 2 (Figura 20). A sala de Cirurgias de Rotina e a de Neurocirurgias, Cirurgias Oftálmicas e Videolaparoscopias (Figura 21) são equipadas igualmente, cada uma com uma mesa de inox, um aparelho de anestesia da marca Mindray, um monitor multiparamétrico portátil da marca Mindray, foco cirúrgico de teto da marca GrupoKSS, carrinho com utensílios hospitalares (luva, gaze, algodão, almotolias com solução antisséptica, água oxigenada, esparadrapo, micropore, lâminas de vidro), lixeira comum e para materiais infectantes e coletor de perfurocortantes. A sala de paramentação 2 possui uma cuba

para lavagem das mãos com duas torneiras e uma bancada para posicionar os materiais para paramentação. Há também uma porta de acesso para a sala de esterilização. Atualmente, a sala de Videoartroscopias não é utilizada, servindo apenas como depósito para alguns materiais e aparelhos.

Figura 20 – Entrada das Salas Cirúrgicas e Sala de Paramentação 2 do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Figura 21 – Sala de Cirurgias de Rotina e Sala de Neurocirurgias, Cirurgias Oftálmicas e Videolaparoscopias do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Ao final do corredor do BCPA, encontra-se a UTI, o Expurgo e a janela de acesso à Internação da Cirurgia, por onde os animais são entregues ao Bloco (Figura 22).

Figura 22 – Porção final do corredor do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Do lado de fora da internação da cirurgia há a central de amostras (Figura 23), que fica em um container, onde todas as amostras coletadas, incluindo sangue, urina, raspados, são deixadas para que o Setor de Patologia Clínica da UFMG ou outro laboratório parceiro da Instituição colete-as para realização dos exames/testes.

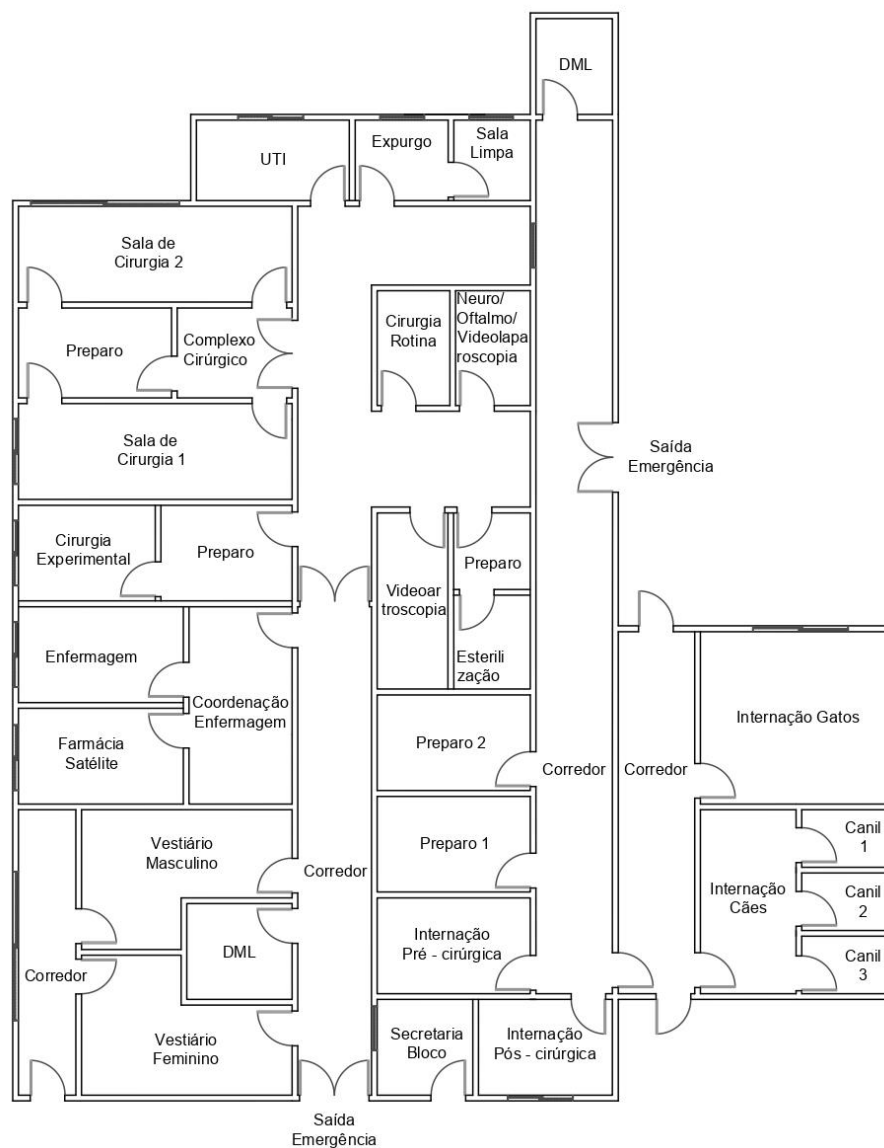
Figura 23 – Central de Amostras do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

Para fins de esquematização, foi elaborada uma planta baixa fora de proporção do Setor de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais do HV/UFMG, nomeando as áreas da Internação e do Bloco Cirúrgico de Pequenos Animais (Figura 24).

Figura 24 – Planta baixa representativa da estrutura física do Setor de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.



Fonte: Da Autora, 2023.

3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Os estagiários aprovados no processo seletivo para realização de estágio supervisionado na Clínica Cirúrgica de Pequenos animais do HV/UFMG foram divididos para auxiliar em três áreas ao longo das semanas: atendimento clínico/cirúrgico, internação/preparo e bloco cirúrgico. Geralmente, a cada duas semanas de escala no bloco cirúrgico, havia uma semana de atendimento e uma de internação/preparo. Além disso, os estagiários supervisionados pelo Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Horta foram solicitados a acompanhar o

atendimento clínico de pacientes oncológicos, área de atuação do professor supervisor, que acontecia todas as semanas, às terças e quintas-feiras, no turno da tarde.

3.1. Atendimento clínico/cirúrgico

Na semana destinada ao auxílio no atendimento clínico, o estagiário acompanhava o Médico Veterinário Residente do primeiro ano (R1) escalado para a mesma função. Os atendimentos tinham início às 07h com a avaliação física e internação de pacientes agendados para procedimentos cirúrgicos eletivos. Após encaminhar todos os animais para a Internação da Cirurgia, o R1 acessava o sistema Doctor Vet e poderia solicitar para atendimento qualquer paciente que estivesse na lista de espera aguardando na recepção por consulta clínica geral. O estagiário teve como objetivo ajudar o Médico Veterinário na contenção dos animais, realização do exame físico, buscar materiais hospitalares na farmácia e coletar amostras de exames, como hemograma, bioquímico, citologia e urinálise. Em alguns casos, também foi possível realizar anamnese e exame físico completo, sempre acompanhado pelo Veterinário responsável pelo caso.

Na ausência do R1 do Setor de Cirurgia, o estagiário deveria acompanhar outros profissionais da Clínica Médica, seja em consultas gerais ou especialidades. As consultas com especialidades eram agendadas e o acesso a elas era mais restrito, devido ao grande número de estagiários e/ou alunos de graduação e pós-graduação acompanhando.

3.2. Internação/preparo

A escala da Internação da Cirurgia contava com dois R1's, uma Médica Veterinária Preceptora, uma enfermeira veterinária e um estagiário. Os animais internados eram avaliados todos os dias pela manhã, com mensuração de parâmetros como frequência cardíaca, respiratória, avaliação da coloração de mucosas, tempo de preenchimento capilar, turgor cutâneo, glicemia, pressão arterial, palpação abdominal e temperatura retal. Nesse momento, também era feita a coleta de material para exames de rotina, a depender da necessidade do paciente, aplicação de medicações, troca de curativo, limpeza de feridas, troca de acesso venoso, entre outros manejos necessários, como passagem de sondas nasogástricas e uretrais. O estagiário auxiliava em todos esses afazeres, além de passear com os animais internados e buscar materiais e medicamentos na farmácia hospitalar. Após cada aferição dos parâmetros vitais, o estagiário deveria anotar os achados na ficha do animal e assinar em seguida.

Ao término das avaliações e manejos matinais, o estagiário auxiliava no preparo pré-anestésico dos pacientes, com função de contenção física dos animais, canulação venosa e tricotomia da área cirúrgica. Também era responsável por receber os animais no pós-operatório,

realizar monitoração e aquecer os pacientes em hipotermia.

3.3. Bloco cirúrgico

Os procedimentos cirúrgicos aconteciam todos os dias. Nas semanas destinadas ao bloco, o estagiário teve como objetivo acompanhar as cirurgias e, eventualmente, participar como instrumentador ou auxiliar. Também era responsável pela abertura dos materiais estéreis durante a cirurgia e entrega de fios de sutura na ausência da equipe de enfermagem. Na maioria dos dias, com exceção das sextas-feiras, os alunos da Universidade tinham aulas das matérias de Patologia Cirúrgica, Cirurgia e Obstetrícia. Nesses dias, a prioridade de paramentação e auxílio durante os procedimentos era dos alunos. Assim, os estagiários tinham a oportunidade de assistir aos procedimentos, mas sem auxiliar. No turno da tarde ou na ausência de estudantes da Instituição, os estagiários escalados para o bloco se dividiam para realizar a paramentação cirúrgica. Paramentados, eram responsáveis pela montagem da mesa de instrumentais, antissepsia do paciente com clorexidine degermante 2% e clorexidine alcoólico 0,5% e auxiliar o cirurgião titular conforme necessidade.

3.4. Consultas oncológicas

Às terças e quintas-feiras, os estagiários supervisionados pelo Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Horta realizavam acompanhamento dos atendimentos clínicos oncológicos. As consultas eram agendadas e ocorriam no turno da tarde, em um dos consultórios da Clínica Médica. A maioria dos animais atendidos era de retorno ou em acompanhamento, visto que, devido a grande quantidade de pacientes e a necessidade de acompanhamento constante, a agenda estava fechada para novos casos. O estagiário auxiliava em atividades como: contenção dos animais, buscar materiais hospitalares na farmácia e coletar amostras de exames, como hemograma, bioquímico, citologia e urinálise. Durante as consultas, o estagiário também teve oportunidade de realizar o exame físico completo, enquanto o professor ou os alunos da pós-graduação realizavam a anamnese junto ao tutor. Além disso, era possível acompanhar as sessões de quimioterapia, imunoterapia e eletroquimioterapia dos pacientes e participar de discussões dos casos clínicos entre as consultas.

4 CASUÍSTICA ACOMPANHADA

Durante o estágio supervisionado foi possível acompanhar 163 casos, sendo 133 caninos e 30 felinos. O número de casos da espécie canina foi significativamente maior em relação aos casos da espécie felina, sendo o número de fêmeas de ambas espécies maior que o número de

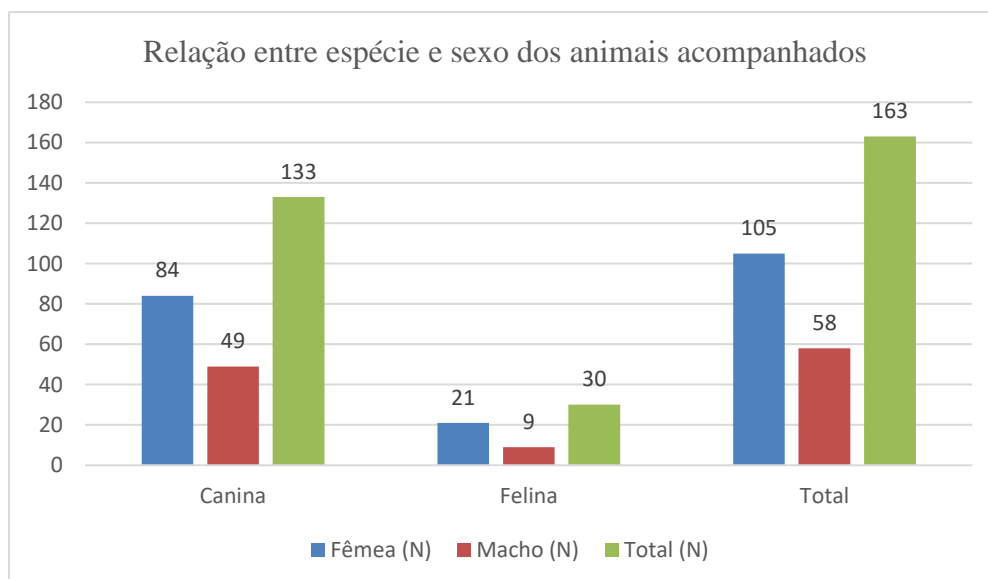
machos, conforme demonstrado na Tabela 1, Gráfico 1.

Tabela 1- Número absoluto (N) de animais acompanhados, em relação a espécie e sexo, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

Espécie	Fêmea (N)	Macho (N)	Total (N)
Canina	84	49	133
Felina	21	9	30
Total	105	58	163

Fonte: Da Autora, 2023.

Gráfico 1- Número absoluto (N) de animais acompanhados, em relação a espécie e sexo, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.



Fonte: Da Autora, 2023.

Em relação ao padrão racial, foram identificadas 21 raças diferentes entre os caninos, sendo os sem raça definida os mais prevalentes, compondo 57% do total (Tabela 2, Gráfico 2).

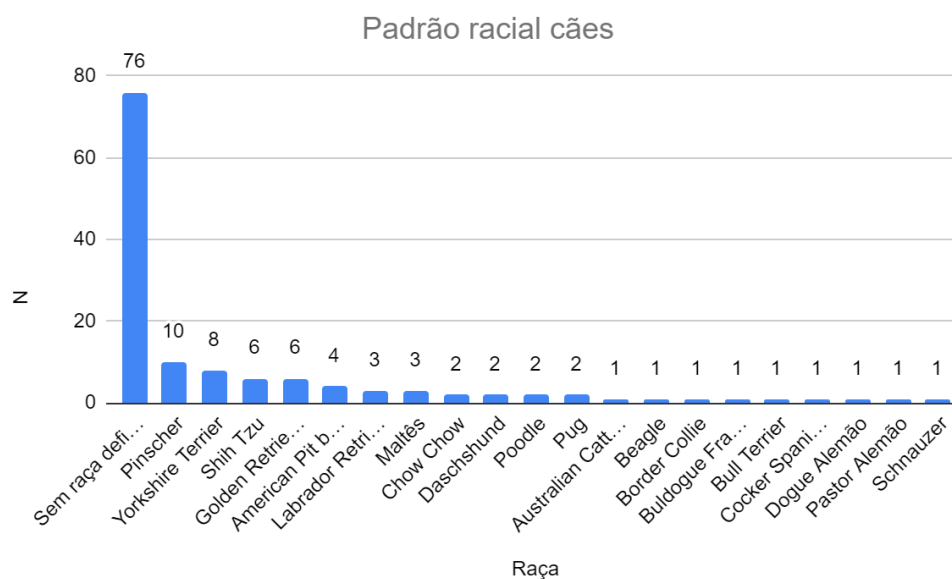
Em relação aos felinos, todos foram caracterizados como sem raça definida.

Tabela 2- Número absoluto (N) e frequência (%) de caninos acompanhados, em relação ao padrão racial, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

Raça	N	%
Sem raça definida	76	57%
Pinscher	10	8%
Yorkshire Terrier	8	6%
Golden Retriever	6	5%
Shih Tzu	6	5%
American Pit bull Terrier	4	3%
Labrador Retriever	3	2%
Maltês	3	2%
Chow Chow	2	2%
Daschshund	2	2%
Poodle	2	2%
Pug	2	2%
Australian Cattle Dog	1	1%
Beagle	1	1%
Border Collie	1	1%
Buldogue Francês	1	1%
Bull Terrier	1	1%
Cocker Spaniel Inglês	1	1%
Dogue Alemão	1	1%
Pastor Alemão	1	1%
Schnauzer	1	1%
Total	133	100%

Fonte: Da Autora, 2023.

Gráfico 2- Número absoluto (N) de caninos acompanhados, em relação ao padrão racial, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.



Fonte: Da Autora, 2023.

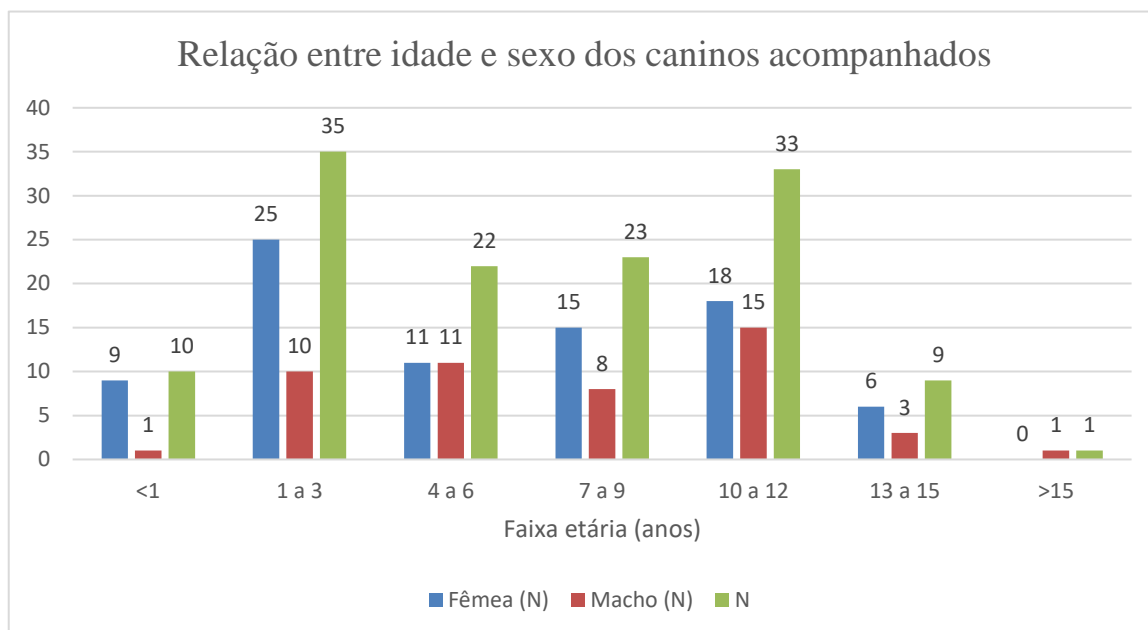
A faixa etária dos animais atendidos pode ser acompanhada nas Tabelas 3 e 4 e Gráficos 3 e 4, separadas de acordo com a espécie dos animais.

Tabela 3- Número absoluto (N) de caninos acompanhados, em relação a idade e sexo, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

Faixa etária (anos)	Fêmeas (N)	Machos (N)	N
<1	9	1	10
1 a 3	25	10	35
4 a 6	11	11	22
7 a 9	15	8	23
10 a 12	18	15	33
13 a 15	6	3	9
>15	0	1	1
Total	84	49	133

Fonte: Da Autora, 2023.

Gráfico 3- Número absoluto (N) de caninos acompanhados, em relação a idade e sexo no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.



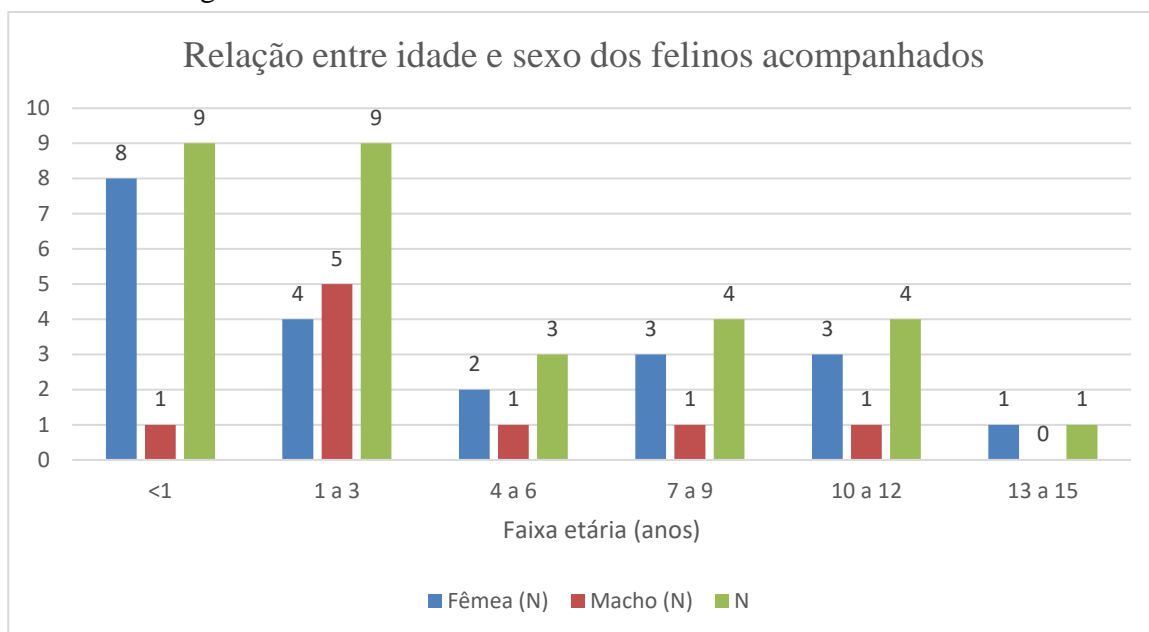
Fonte: Da Autora, 2023.

Tabela 4- Número absoluto (N) de felinos acompanhados, em relação a idade e sexo, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

Faixa etária (anos)	Fêmeas (N)	Machos (N)	N
<1	8	1	9
1 a 3	4	5	9
4 a 6	2	1	3
7 a 9	3	1	4
10 a 12	3	1	4
13 a 15	1	0	1
Total	21	9	30

Fonte: Da Autora, 2023.

Gráfico 4- Número absoluto (N) de felinos acompanhados, em relação a idade e sexo no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.



Fonte: Da Autora, 2023.

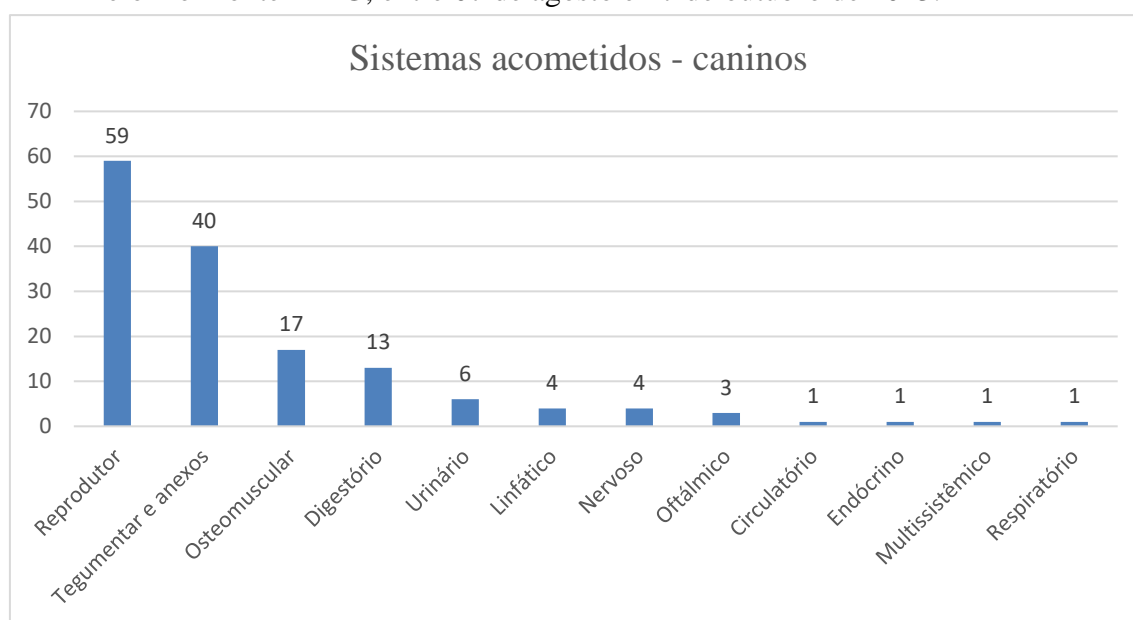
As afecções dos animais atendidos foram classificadas de acordo com o sistema orgânico acometido (Tabelas 5 a 15, Gráficos 5 e 6, Figuras 25 a 34). É importante ressaltar que, apesar do número absoluto de animais atendidos ser 163, o número de afecções/procedimentos foi maior, totalizando 180 entre caninos e felinos. Isso se dá pelo fato de um mesmo animal possuir mais de uma alteração e precisar passar por mais de um procedimento durante o período de atendimento/internação.

Tabela 5- Número absoluto (N) e frequência (%) de caninos acompanhados, em relação ao sistema orgânico acometido, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

Sistema orgânico	N	%
Reprodutor	59	39%
Tegumentar e anexos	40	27%
Osteomuscular	17	11%
Digestório	13	9%
Urinário	6	4%
Linfático	4	3%
Nervoso	4	3%
Oftálmico	3	2%
Circulatório	1	1%
Endócrino	1	1%
Multissistêmico	1	1%
Respiratório	1	1%
Total	150	100%

Fonte: Da Autora, 2023.

Gráfico 5- Número absoluto (N) de caninos acompanhados, em relação ao sistema orgânico acometido, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.



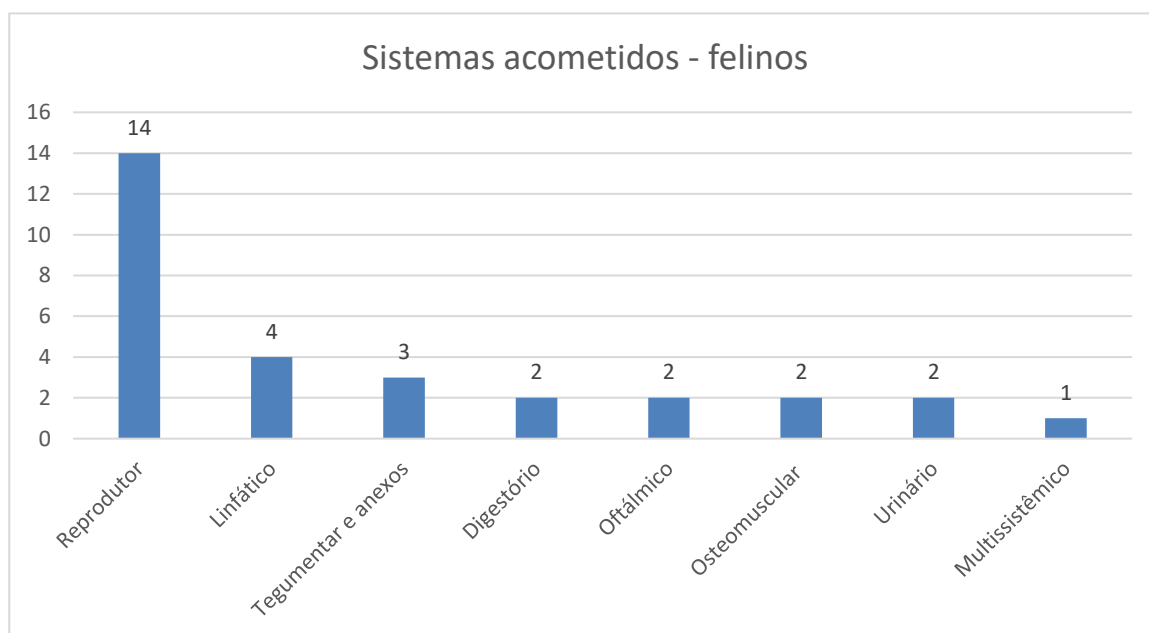
Fonte: Da Autora, 2023.

Tabela 6- Número absoluto (N) e frequência (%) de felinos acompanhados, em relação ao sistema orgânico acometido, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

Sistema orgânico	N	%
Reprodutor	14	47%
Linfático	4	13%
Tegumentar e anexos	3	10%
Digestório	2	7%
Oftálmico	2	7%
Osteomuscular	2	7%
Urinário	2	7%
Multissistêmico	1	3%
Total	30	100%

Fonte: Da Autora, 2023.

Gráfico 6- Número absoluto (N) de felinos acompanhados, em relação ao sistema orgânico acometido, no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.



Fonte: Da Autora, 2023.

4.1 Sistema Reprodutor

Tabela 7- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Reprodutor e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

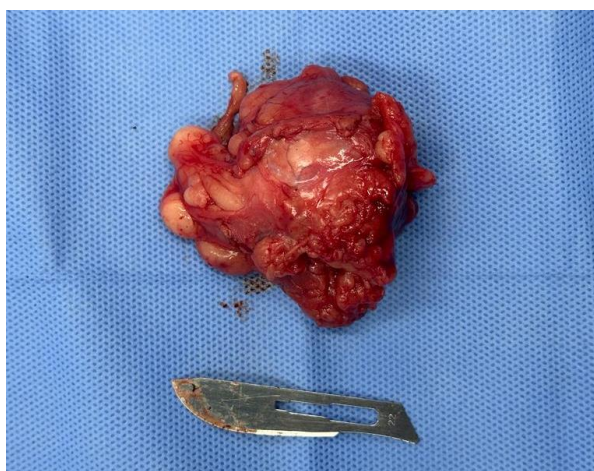
Afecção/Indicação	Procedimento	N	%
Castração eletiva fêmea	Ovariohisterectomia	49	67%
Catração eletiva macho	Orquiectomia	17	23%
Piometra	Ovariohisterectomia terapêutica	2	3%
Ovário remanescente	Celiotomia exploratória	2	3%
Criptorquidismo	Orquiectomia terapêutica	1	1%
Neoplasia prostática	Prostatectomia	1	1%
Fimose	Postioplastia	1	1%
Total		73	100%

Fonte: Da Autora, 2023.

As afecções do sistema reprodutor foram as de maior ocorrência tanto em caninos quanto em felinos, totalizando 73 casos dentre os acompanhados. As castrações eletivas de fêmea e macho tiveram, respectivamente, uma prevalência de 67% e 23% dentre as outras afecções do mesmo sistema. A ovariohisterectomia se refere à remoção cirúrgica dos ovários e do útero, enquanto a orquiectomia é a remoção cirúrgica dos testículos (FOSSUM, 2015). A esterilização cirúrgica eletiva de caninos e felinos é uma das estratégias para o controle populacional de cães e gatos e controle de zoonoses recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em conjunto com a criação de programas e ações educativas para a população acerca do tema. O Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais conta com um projeto de castração para animais provenientes de famílias de baixa renda e/ou instituições de proteção animal financiado pelo Ministério da Educação (MEC). Os procedimentos do projeto são agendados para o turno da manhã, três vezes por semana. No geral, em cada um desses dias, são programados entre cinco a seis pacientes, que passam por avaliação física e coleta de sangue para exames de hemograma e bioquímico (ureia e creatinina) no pré-cirúrgico. No pós-cirúrgico, os medicamentos prescritos, como analgésicos e anti-inflamatórios, também são disponibilizados gratuitamente ao responsável pelo paciente.

A figura 25 apresenta a próstata removida após procedimento de prostatectomia total em um cão da raça Labrador Retriever, macho, 12 anos de idade, com suspeita de neoplasia prostática evidenciada no exame ultrassonográfico. O paciente já havia passado por cinco sessões de quimioterapia com carboplatina e, após a última sessão, optou-se pela intervenção cirúrgica para retirada da próstata. Após o procedimento cirúrgico, o órgão foi enviado para análise histopatológica, que teve como diagnóstico carcinoma urotelial, uma neoplasia epitelial maligna com origem nas células de transição do trato urinário (MEUTEN, 2016).

Figura 25 – Próstata removida após procedimento de prostatectomia total realizada em um cão com neoplasia prostática



Fonte: HV/UFMG, 2023.

A figura 26 apresenta uma postioplastia por circuncisão realizada em um felino, macho, sem raça definida (SRD), 2 anos de idade, que apresentava fimose. A fimose é uma condição rara em animais de companhia, caracterizando-se pela incapacidade de exteriorizar o pênis pelo óstio prepucial, podendo ocorrer por alteração de desenvolvimento ou de forma adquirida, como as traumáticas (FOSSUM, 2015). O paciente em questão desenvolveu a afecção devido a múltiplos traumas relacionados à passagem de sonda uretral para desobstrução do canal urinário.

Figura 26 – Procedimento de postioplastia por circuncisão para correção de fimose em felino



Fonte: HV/UFMG, 2023

4.2 Sistema Tegumentar e anexos

Tabela 8- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Tegumentar e anexos e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

Afecção/Indicação	Procedimento	N	%
Acompanhamento oncológico pós-cirúrgico	Retorno/Quimioterapia/Imunoterapia	12	28%
Nódulos cutâneos	Exérese de nódulos cutâneos	10	23%
Neoplasia mamária	Mastectomia regional de bloco caudal (M3, M4, M5 + linfonodo inguinal)	6	14%
	Mastectomia simples	4	9%
	Mastectomia radical unilateral	1	2%
Miíase	Remoção de larvas e manejo de ferida	3	7%
Ulcerações cutâneas	Manejo de ferida	3	7%
Abscesso cutâneo	Drenagem de abscesso	1	2%
Lesão em plano nasal	Biópsia de plano nasal	1	2%
Sarcoma de tecidos moles	Eletroquimioterapia	1	2%
Mastocitoma subcutâneo	Eletroquimioterapia transcirúrgica	1	2%
Total		43	100%

Fonte: Da Autora, 2023.

Dentre os casos do Sistema Tegumentar e Anexos, os acompanhamentos clínicos oncológicos pós-cirúrgicos foram os mais frequentes. Isso se deu, em grande parte, pela rotina estabelecida pelo professor supervisor do estágio aos seus estagiários, citada anteriormente (item 3.4).

Os nódulos cutâneos foram a segunda afecção mais frequente, com 23% dos casos. Foi preconizada a remoção cirúrgica desses nódulos, com realização prévia de exame citológico e exames para risco cirúrgico, como hemograma, perfil bioquímico e eletrocardiograma. A remoção cirúrgica dos nódulos foi feita mesmo quando a citologia não foi eficiente para determinar o tipo neoplásico. Em todos os casos, o tecido removido foi encaminhado para realização do exame histopatológico em laboratório parceiro da Instituição, o que auxiliava no diagnóstico e estabelecimento de prognóstico do paciente.

As neoplasias mamárias também foram afecções frequentes do sistema, totalizando 11 ocorrências, todas na espécie canina. A conduta para esses casos foi a realização de mastectomia, que é tratamento de escolha para todos os tumores mamários, com exceção dos carcinomas inflamatórios, que são extremamente agressivos e não se beneficiam da cirurgia para controle e palição da doença (FOSSUM, 2015). As cadelas possuem 5 pares de glândulas mamárias, sendo classificadas como: mama torácica cranial (M1), mama torácica caudal (M2), mama abdominal cranial (M3), mama abdominal caudal (M4) e mama inguinal (M5). A técnica e extensão cirúrgica era determinada de acordo com o Consenso de Diagnóstico, Prognóstico e Tratamento de Tumores Mamários em Cadelas e Gatas, publicado em 2020 por Cassali e colaboradores, que leva em consideração a localização, tamanho ou estadiamento do tumor (T), além da presença de fatores prognósticos negativos. A tabela 09, adaptada de Cassali, et.al., apresenta as diretrizes para determinar a técnica cirúrgica e extensão para tumores mamários caninos únicos, dependendo da localização, conforme definido no Consenso de 2020.

Tabela 9- Diretrizes para determinar a técnica cirúrgica e extensão para tumores mamários caninos únicos, dependendo da localização, conforme definido no Consenso de 2020.

Localização do tumor único	Tamanho do tumor	Tipo de cirurgia
M1*	<3 cm (T1)	Mastectomia regional (M1-M2 + linfonodo axilar)
	>3 cm (T2 ou T3)	Mastectomia unilateral
M2*	<3cm (T1)	Mastectomia regional (M1, M2, M3 + linfonodo axilar)
	>3 cm (T2 ou T3)	Mastectomia unilateral
M3*	Qualquer tamanho (T1, T2 ou T3)	Mastectomia unilateral
M4*	<3cm (T1)	Mastectomia regional (M3, M4, M5 + linfonodo inguinal)
	>3 cm (T2 ou T3)	Mastectomia unilateral
M5*	<3cm (T1)	Mastectomia regional (M4-M5 + linfonodo inguinal)
	>3 cm (T2 ou T3)	Mastectomia unilateral

* Tumores associados com outros fatores prognósticos negativos devem ser submetidos a mastectomia unilateral

Fonte: adaptada de Cassali, et al., 2020.

A mastectomia regional, realizada em 6 dos 11 casos acompanhados, parte do pressuposto de que certas glândulas mamárias compartilham a mesma drenagem venosa e linfática, sendo necessária a remoção dessas glândulas em bloco, seja cranial (M1, M2 e M3) ou caudal (M3, M4 e M5), em conjunto com seu respectivo linfonodo, axilar ou inguinal. É uma técnica indicada para nódulos únicos, menores que 3 centímetros de diâmetro e com características de baixa agressividade (CASSALI et al.,2020).

A mastectomia simples foi realizada em 4 pacientes. Essa técnica, também chamada de mamectomia, consiste na remoção apenas da glândula afetada pela neoplasia. Dentre os casos de neoplasia mamária acompanhados, a técnica foi utilizada principalmente naqueles em que o paciente estava em cuidados paliativos, com tumores ulcerados que prejudicavam sua qualidade de vida. Dessa forma, o procedimento cirúrgico não tinha objetivo de curar o paciente, mas sim melhorar seu bem-estar.

Em um dos casos foi realizada mastectomia radical unilateral, técnica que envolve a remoção de todas as glândulas de uma cadeia mamária, em conjunto com os linfonodos inguinal e axilar do mesmo lado. O procedimento é indicado para tumores múltiplos, independente do tamanho, tumores localizados em M3 ou tumores associados com outros

fatores prognósticos negativos, como crescimento rápido (CASSALI et al.,2020).

Outras técnicas cirúrgicas para remoção de neoplasias mamárias são descritas na literatura, como lumpectomia e mastectomia radical bilateral, mas nenhuma delas foi empregada como tratamento dentre os casos acompanhados.

4.3 Sistema Osteomuscular

Tabela 10- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Osteomuscular e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

Afecção/Indicação	Procedimento	N	%
Luxação coxofemoral	Sutura ílio-trocantérica	2	11%
Avulsão da tuberosidade tibial	Osteossíntese em banda de tensão	1	5%
Fratura em costelas direitas	Estabilização externa com placa de acrílico	1	5%
Fratura em asa do ílio	Osteossíntese com placa	1	5%
Fratura em rádio e ulna	Osteossíntese com placa	1	5%
	Osteossíntese com pino em ulna e placa	1	5%
Fratura de ramo de mandíbula e sínfise mandibular	Osteossíntese com cerclagem	1	5%
Fratura em tíbia	Osteossíntese com pino intramedular e placa	1	5%
Fratura em úmero	Osteossíntese com pino intramedular e placa	1	5%
Luxação patelar medial	Transposição da tuberosidade tibial; imbricação da cápsula articular	1	5%
	Transposição da tuberosidade tibial; trocleoplastia em cunha	1	5%
Neoplasia mandibular	Hemimandibulectomia parcial	1	5%
	Hemimandibulectomia total	1	5%
Ruptura completa do tendão do quadríceps femoral	Sutura de locking-loop	1	5%
Ruptura completa dos ligamentos do joelho (cruzados cranial e caudal, e colateral lateral)	Reconstituição do ligamento colateral lateral; sutura fabelotibial; menissectomia total	1	5%
Ruptura de ligamento cruzado cranial	TPLO	1	5%
	TPLO; menissectomia parcial	1	5%
Trauma em membro pélvico	Amputação alta de membro pélvico	1	5%
Total		19	100%

Fonte: Da Autora, 2023.

O sistema Osteomuscular foi o terceiro mais prevalente dentre os caninos, com 17 ocorrências, enquanto nos felinos foram registrados apenas 2 casos, conforme apresentado nas

tabelas 5 e 6. A distribuição das afecções foi ampla, com ocorrência de 1 caso em cada uma delas, com exceção da luxação coxofemoral, que teve dois registros.

A luxação coxofemoral em cães e gatos geralmente possui origem traumática, principalmente por veículos automotores. Para que ocorra a luxação, a força envolvida no trauma deve ser significativa o que implica, em 50% dos casos, a associação com outras lesões em tecidos moles e ósseos adjacentes (PIERMATTEI, 2016). Os principais sinais clínicos estão relacionados com dor, crepitação, deformidade anatômica do quadril, claudicação ou impotência funcional do membro, podendo estar associados a outras manifestações, de acordo com o tipo de luxação desenvolvida (TOBIAS; JOHNSTON, 2012).

Nos casos de luxação coxofemoral acompanhados, os animais sofreram atropelamento por carro e foram levados ao HV/UFMG instantes após o acidente. Inicialmente, os pacientes foram examinados, estabilizados e, posteriormente, passaram por exame físico ortopédico, que, em conjunto com o histórico, sinais clínicos e exame radiográfico, foi imprescindível para fechar o diagnóstico de luxação coxofemoral. A luxação pode ser classificada de acordo com o sentido do deslocamento da cabeça do fêmur em relação ao acetábulo, sendo a luxação craniodorsal a mais comum, ocorrendo em 73% a 90% das vezes. Outros tipos de luxação de menor ocorrência são: cranioventral, caudodorsal e caudoventral (PIERMATTEI, 2016). Em ambos os pacientes, a luxação foi classificada como craniodorsal.

A figura 27 apresenta a radiografia de um cão da raça Shih tzu, macho, 7 anos de idade, que chegou ao HV/UFMG após atropelamento por veículo automotor. O paciente possuía múltiplas fraturas em pelve, além de eventração em região inguinal esquerda, com alças intestinais e bexiga em subcutâneo. Após estabilização, foi feita cirurgia para corrigir eventração e, após 7 dias, foi realizado um novo procedimento para correção de luxação coxofemoral direita, fratura em asa do ílio direita, e ruptura total dos ligamentos do joelho direito.

Figura 27 – Radiografias de um cão evidenciando múltiplas fraturas em pelve e luxação coxofemoral direita.

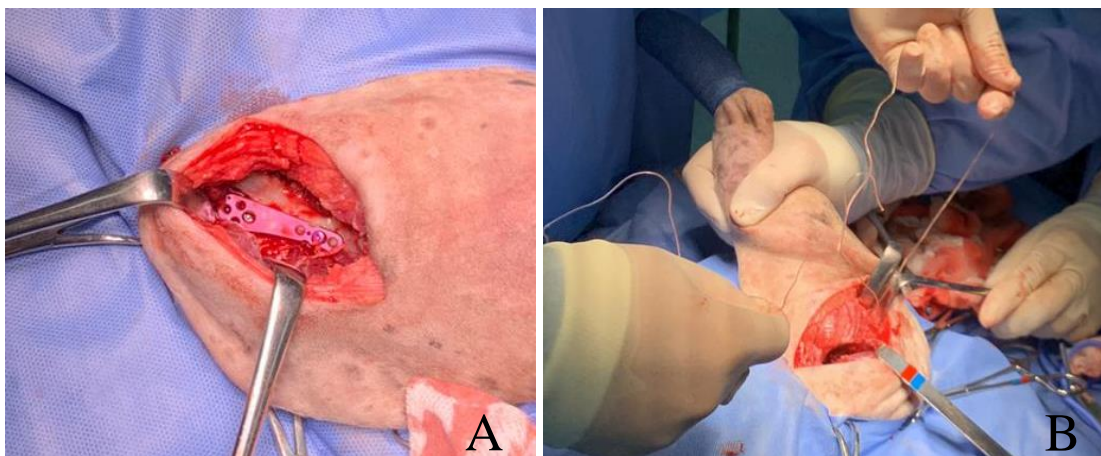


Legenda: A) Radiografia em projeção laterolateral direita. B) Radiografia em projeção ventrodorsal

Fonte: HV/UFMG, 2023

Durante a segunda cirurgia para correção de fraturas, foram necessários a realização de alguns procedimentos, como sutura iliotrocantérica para redução da luxação coxofemoral, osteossíntese de ílio com colocação de placa, sutura fabelotibial, reconstituição do ligamento colateral lateral e meniscectomia total, alguns os quais podem ser observados na figura 28.

Figura 28 – Procedimento cirúrgico em cão para correção de fraturas em pelve e luxação coxofemoral.



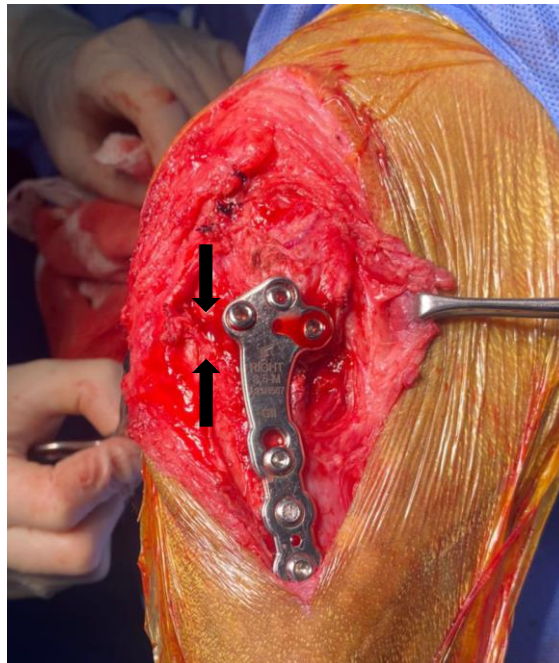
Legenda: A) Osteossíntese de ílio com colocação de placa e 6 parafusos (5 bloqueados e 1 cortical). B) Sutura iliotrocantérica em figura de “8” utilizando fio de nylon 0,6mm para redução de luxação coxofemoral

Fonte: HV/UFMG, 2023

A figura 29 apresenta um procedimento de Osteotomia de Nivelamento do Platô Tibial (TPLO) realizada em cão sem raça definida, fêmea, porte grande, de 4 anos de idade. A tutora relata que paciente apresentava claudicação em membro pélvico esquerdo, sem dor. Após

exame ortopédico, com execução dos testes de gaveta e de compressão tibial, foi constatada, no joelho esquerdo, ruptura do ligamento cruzado cranial. Este ligamento é um importante limitador do deslocamento cranial da tíbia em relação ao fêmur, podendo ser dividido em banda craniomedial e caudolateral (FOSSUM, 2015). A ruptura de ligamento cruzado cranial é uma das lesões mais comuns em cães, principalmente em raças de grande porte. Existem diversas técnicas para o tratamento da afecção, mas o principal objetivo da maioria dos procedimentos é eliminar a subluxação tibial cranial e limitar a rotação interna tibial em toda a amplitude de movimento (WARZEE et al., 2001). O procedimento consiste na osteotomia radial da tíbia seguida de rotação do seguimento proximal, o que permite uma alteração na inclinação do platô tibial, que é calculado previamente ao procedimento através de avaliação radiográfica. Após o giro, os segmentos ósseos são fixados com placa específica para manter a nova angulação gerada, que permitirá uma estabilização dinâmica e não estática da articulação (PIERMATTEI, 2016).

Figura 29 – Procedimento cirúrgico de TPLO para correção de ruptura de ligamento cruzado cranial em cão



Legenda: Osteotomia (setas) e fixação dos segmentos ósseos da tíbia com placa de TPLO e 6 parafusos

Fonte: HV/UFMG, 2023

4.4 Sistema Digestório

Tabela 11- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Digestório e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

Afecção/Indicação	Procedimento	N	%
Gastroenterite	Tratamento clínico	3	20%
Corpo estranho gástrico	Endoscopia	1	7%
	Gastrotomia	1	7%
Corpo estranho gastrointestinal	Gastrotomia e enterotomia	1	7%
Doença periodontal	Profilaxia dentária	1	7%
Eventração (intestinos)	Correção cirúrgica de eventração com tela de polipropileno em musculatura abdominal caudal	1	7%
Hérnia inguinal (mesentério)	Herniorrafia	1	7%
Inapetência	Passagem de sonda esofágica	1	7%
Melanoma em cavidade oral	Acompanhamento oncológico pós-cirúrgico	1	7%
Nódulo em cavidade oral	Exérese de nódulo	1	7%
Nódulo hepático	Biópsia hepática	1	7%
	Lobectomia hepática: lobo lateral esquerdo e parte do lobo medial	1	7%
Pancreatite crônica	Tratamento clínico	1	7%
Total		15	100%

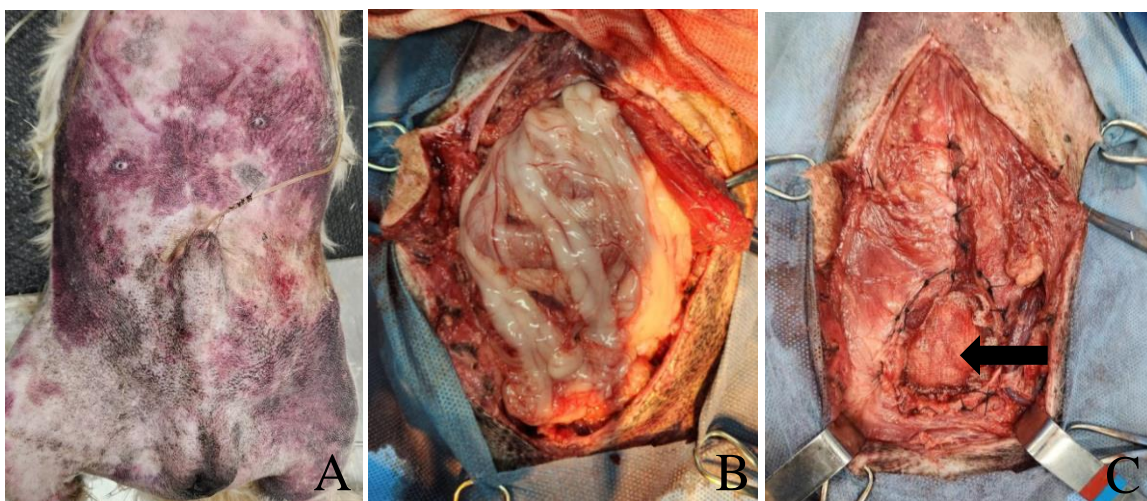
Fonte: Da Autora, 2023.

Casos de gastroenterites foram os mais frequentes entre as afecções do sistema digestório. Os animais apresentavam manifestações como vômito, diarreia, prostração e apatia, desidratação e, em alguns casos, febre. O tratamento preconizado foi clínico, com administração de medicações específicas, a depender do agente envolvido, além de tratamento suporte, com reposição dos fluidos corporais, administração de antieméticos, anti-

inflamatórios, analgésicos, entre outros.

A figura 30 apresenta a correção cirúrgica de uma eventração abdominal traumática em um cão da raça Shih tzu, macho, 7 anos de idade. O paciente deu entrada no HV/UFG após atropelamento por veículo automotor, sendo diagnosticada eventração de alças intestinais e bexiga para região inguinal subcutânea esquerda. O animal apresentava múltiplos hematomas em abdômen e regiões de pele com aspecto desvitalizado. Durante o procedimento, constatou-se a presença de alças intestinais jejunais e vesícula urinária em região de subcutâneo, ambos os órgãos sem alterações aparentes e intestino com boa motilidade. Após redução da eventração, a musculatura abdominal foi reduzida com fio de nylon 2-0, padrão Sultan, sendo necessária a colocação de uma tela de polipropileno na musculatura devido ao seu fechamento incompleto, fixada também com fio de nylon 2-0, padrão Wolf.

Figura 30 – Correção de eventração abdominal traumática em cão com uso de tela de Polipropileno



Legenda: A) Paciente após tricotomia abdominal, com evidenciação de múltiplos hematomas e regiões de pele desvitalizada. B) Acesso cirúrgico à área da eventração, contendo alças intestinais jejunais e vesícula urinária. C) Fechamento de musculatura abdominal caudal com tela de polipropileno (seta).

Fonte: HV/UFG, 2023

4.5 Sistema Urinário

Tabela 12- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Urinário e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

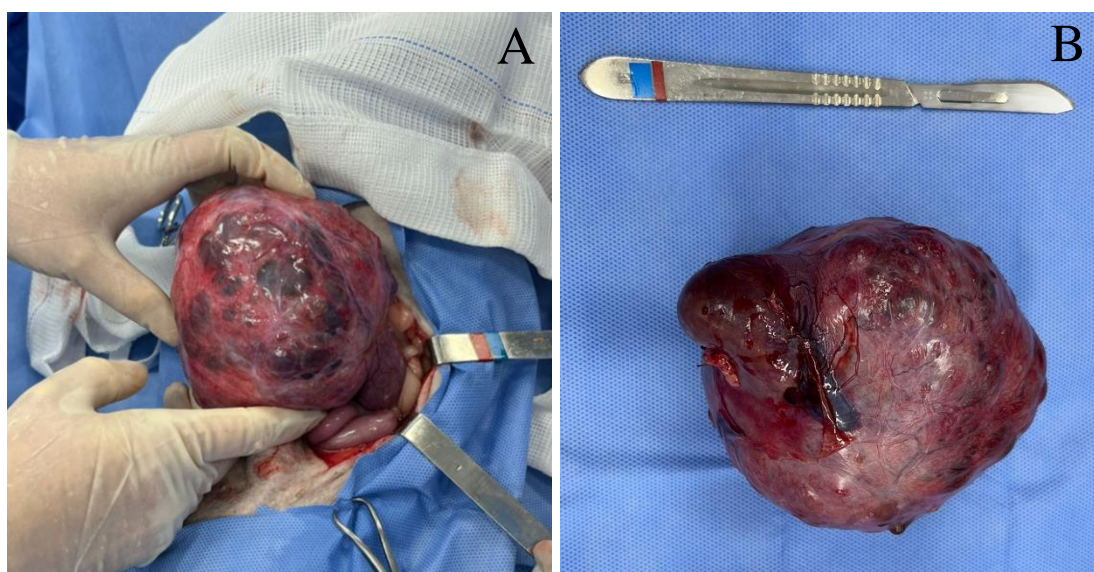
Afecção/Indicação	Procedimento	N	%
Cistite	Tratamento clínico	2	25%
Cálculo ureteral bilateral	Cistotomia com implantação de catéter duplo J bilateral	1	13%
Deiscência de pontos uretostomia	Tratamento clínico	1	13%
Eventração (vesícula urinária)	Correção cirúrgica de eventração com tela de polipropileno em musculatura abdominal caudal	1	13%
Neoplasia em parede de vesícula urinária	Cistotomia e remoção de nódulo peduncular	1	13%
Neoplasia renal	Nefrectomia total	1	13%
Obstrução uretral	Tratamento clínico	1	13%
Total		8	100%

Fonte: Da Autora, 2023.

Casos de cistite foram os mais frequentes entre as afecções do sistema urinário e o tratamento preconizado para esses casos foi clínico. As demais afecções tiveram distribuição igualitária em relação ao número de casos acompanhados durante o período do estágio supervisionado.

A figura 31 apresenta uma nefrectomia total realizada em um cão da raça Poodle, macho, 10 anos de idade, pesando 4,5kg. O paciente possuía massa de grande proporção aderida ao rim esquerdo evidenciada em tomografia, motivo pelo qual optou-se pela realização de nefrectomia. O procedimento consiste na excisão do rim e é indicado em casos de neoplasia renal, hemorragias incontroláveis, pielonefrite resistente à terapia médica, hidronefrose e anormalidades ureterais de difícil reparação cirúrgica (FOSSUM, 2015). Após o procedimento cirúrgico, o órgão foi enviado para análise histopatológica, que teve como diagnóstico carcinoma indiferenciado, tendo como diagnóstico diferencial importante o carcinoma urotelial.

Figura 31 – Procedimento cirúrgico para realização de nefrectomia total em cão



Legenda: A) Identificação e exteriorização do rim esquerdo após celiotomia pré-retro-umbilical. B) Rim esquerdo neoplásico após sua retirada.

Fonte: HV/UFMG, 2023

4.6 Sistema Linfático

Tabela 13- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Linfático e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

Afecção/Indicação	Procedimento	N	%
Linfoma intestinal	Acompanhamento oncológico	3	38%
Linfoma cutâneo	Acompanhamento oncológico	2	25%
Biópsia de linfonodo	Linfadenectomia inguinal	1	13%
	Linfadenectomia poplíteo	1	13%
Ruptura de tumor esplênico	Esplenectomia	1	13%
Total		8	100%

Fonte: Da Autora, 2023.

Os linfomas foram as afecções mais comuns dentro o Sistema Linfático, totalizando 3 acompanhamentos oncológicos de linfoma intestinal, todos em felinos, e 2 de linfoma cutâneo, ambos em caninos. É um câncer maligno que acomete muitas espécies, sendo mais comum em felinos, totalizando cerca de 30% das neoplasias diagnosticadas nessa espécie (ULIANA,

2021). O linfoma se inicia em órgãos linfoides, como linfonodos, baço e medula óssea, podendo ocorrer em qualquer tecido. Anatomicamente, são classificados em multicêntrico, mediastínico, intestinal e cutâneo (DAGLI, 2015). Os pacientes estavam em tratamento com quimioterápicos, em protocolos específicos para cada tipo de linfoma, sendo que, em alguns casos, a ressecção cirúrgica havia sido feita previamente.

A figura 32 apresenta uma esplenectomia realizada em cão, sem raça definida, macho, 9 anos de idade. O tutor levou o paciente até o HV/UFMG com queixa de inchaço abdominal. Após realização de exame ultrassonográfico, foi constatado tumor em baço e líquido livre abdominal, que foi coletado e possuía características similares ao sangue. O paciente foi encaminhado para a Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) com suspeita de ruptura de tumor esplênico e hemoabdômen. Após estabilização, foi encaminhado para o setor cirúrgico para realização de esplenectomia. Foi feita celiotomia pré-retro-umbilical e, ao abrir a cavidade abdominal, havia grande quantidade de sangue, que foi aspirado para melhor visualização dos órgãos. Após exteriorização do baço, foi possível verificar um ponto de ruptura com esgarçamento da cápsula esplênica no polo caudal do órgão, região em que o tumor se encontrava, sendo realizada hemostasia e excisão esplênica. Além disso, foram encontrados vários focos de metástase em omento, pâncreas, diafragma e fígado.

Figura 32 – Baço neoplásico com ruptura após esplenectomia em cão



Fonte: HV/UFMG, 2023

4.7 Sistema Oftálmico

Tabela 14- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Oftálmico e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

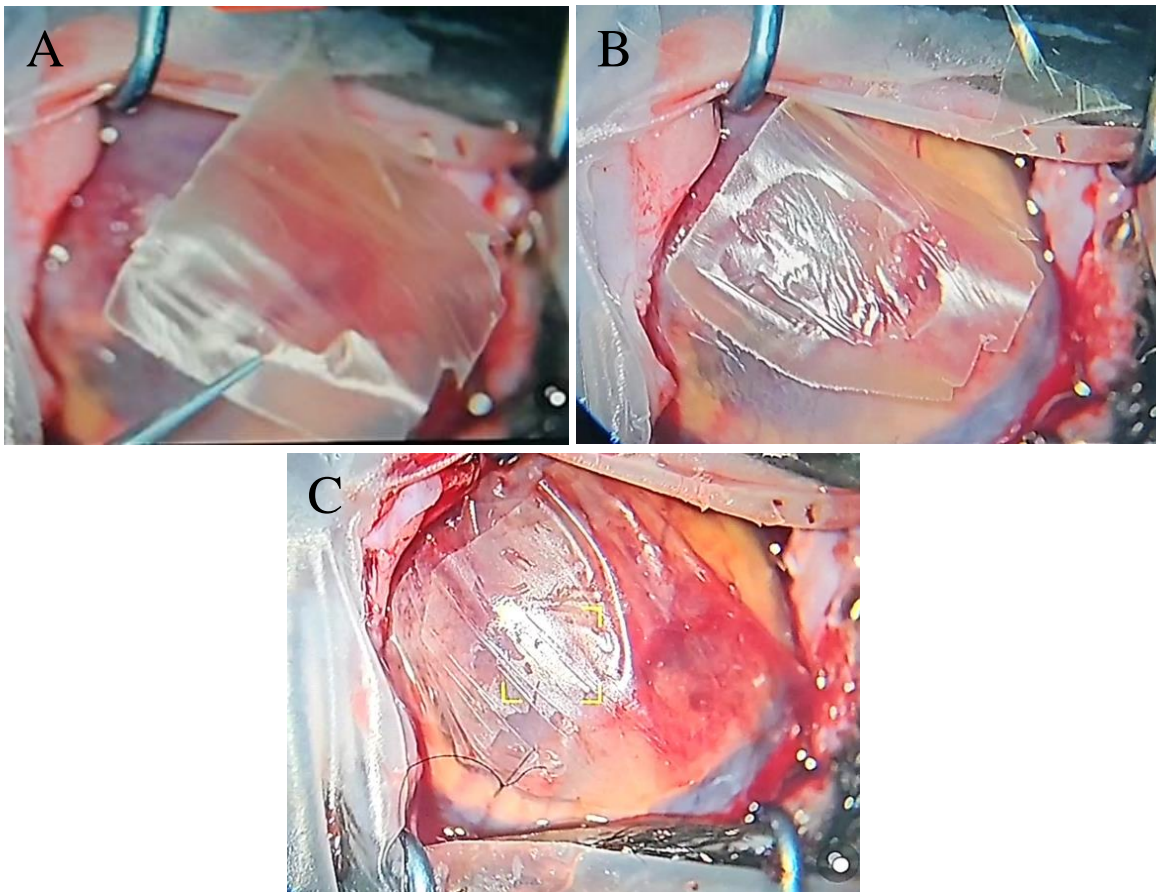
Afecção/Indicação	Procedimento	N	%
Carcinoma de células escamosas da 3ª pálpebra	Acompanhamento oncológico pós-cirúrgico	1	20%
Entrópio	Correção de entrópio bilateral	1	20%
Melanoma ocular	Acompanhamento oncológico pós-cirúrgico	1	20%
Perfuração de córnea	Transposição córneo-conjuntival	1	20%
Trauma ocular	Enxerto córneo de membrana amniótica	1	20%
Total		5	100%

Fonte: Da Autora, 2023.

Ao todo, o Sistema Oftálmico apresentou 5 ocorrências entre caninos e felinos. Um felino, sem raça definida, fêmea, de aproximadamente 3 anos de idade, foi levado ao HV/UFMG com histórico de briga há 12 dias com outros felinos contactantes. Durante exame clínico, foi constatada lesão ocular com edema de conjuntiva, opacidade e vermelhidão. A paciente foi encaminhada para atendimento oftalmológico e optou-se por realizar flap de terceira pálpebra com a finalidade de constituir barreira física para proteção da córnea. Foi realizado tratamento clínico à base de colírios. A evolução não foi satisfatória e a lesão ocular não obteve melhora significativa, sendo recomendada a realização de enxerto córneo com membrana amniótica.

O enxerto de membrana amniótica pode ser utilizado para reconstrução da superfície ocular e tem sido descrito na literatura para tratamento de defeitos epiteliais persistentes, pterígio recidivado, síndrome de Stevens-Johnson e penfigóide cicatricial, queimaduras químicas e ceratopatia bolhosa (MOREIRA; OLIVEIRA, 2000). Algumas das propriedades da membrana envolvem efeito antiadesivo, antibacteriano, redução de dor, proteção da lesão e reepitelização da ferida (KIM; TSENG, 1995). A figura 33 apresenta o procedimento de enxerto córneo de membrana amniótica realizada na paciente descrita anteriormente. Após preparo do paciente, a membrana foi posicionada em camadas e suturada na borda da córnea.

Figura 33 – Enxerto córneo de membrana amniótica em felino



Legenda: A) Preparação e recorte da membrana amniótica. B) Posicionamento da primeira camada de membrana amniótica na córnea. C) Sutura da membrana amniótica na córnea após posicionamento de todas as camadas.

Fonte: HV/UFMG, 2023

4.8 Sistema Nervoso

Tabela 15- Número absoluto (N) e frequência (%) de afecções/indicações relacionadas ao Sistema Nervoso e os respectivos procedimentos acompanhados no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, entre 07 de agosto e 27 de outubro de 2023.

Afecção/Indicação	Procedimento	N	%
Crise convulsiva	Tratamento clínico	1	25%
Doença de disco intervertebral	Hemilaminectomia toracolombar	1	25%
	Pediclectomia foraminal	1	25%
Suspeita de meningoencefalite	Coleta de líquido	1	25%
Total		4	100%

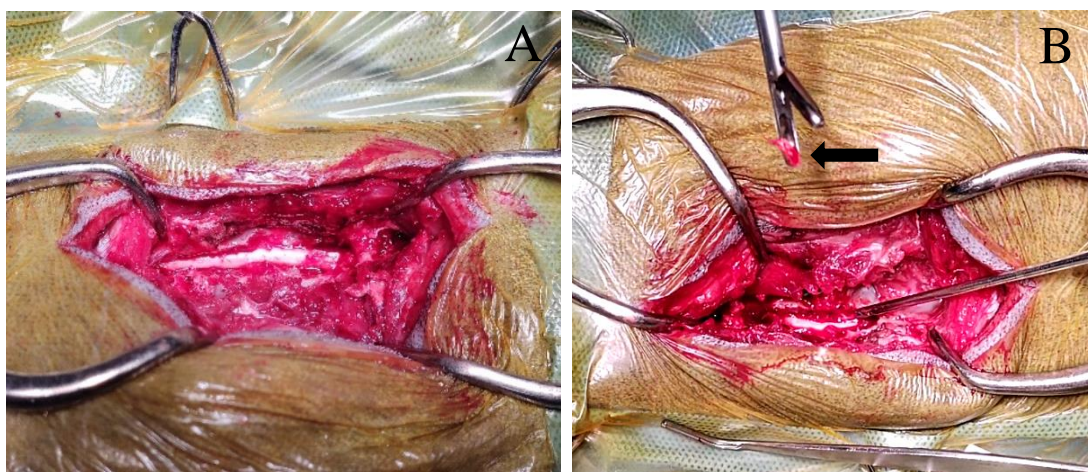
Fonte: Da Autora, 2023.

A doença do disco intervertebral foi a afecção mais frequente do Sistema Nervoso acompanhada durante o período de estágio. Em ambos os casos o tratamento foi cirúrgico, com abordagens diferentes, uma hemilaminectomia e uma pediclectomia. Existem dois tipos de doença degenerativa do disco, um relacionado à degeneração do núcleo pulposo, conhecida com Hansen tipo I, e outra relacionada à degeneração do anel fibroso, chamada Hansen tipo II. A condição é comum em cães, mas relativamente rara em gatos (FOSSUM, 2015). A degeneração do disco Hansen tipo I é caracterizada por uma extrusão maciça aguda de material nuclear degenerado no canal vertebral, com aparecimento repentino dos sinais clínicos (minutos a dias). Nesse caso, a gravidade da lesão na medula espinhal é influenciada por alguns fatores, como a força de impacto da extrusão, o tempo percorrido desde a compressão e a quantidade de material extrusado. Já a degeneração Hansen tipo II é caracterizada pela formação de uma saliência crônica lenta do anel fibroso dorsal degenerado no canal vertebral, com sinais clínicos de desenvolvimento geralmente crônico, em semanas, meses ou anos (FOSSUM, 2015).

Um paciente, cão, da raça Shih tzu, macho, 5 anos de idade, foi encaminhado ao hospital com queixa de comportamento anormal há 3 semanas. O tutor alegou que o animal estava mancando, prostrado e não comia bem. Alguns dias depois teve paralisia de membros pélvicos e ficava chorando. Quando foi atendido no HV/UFMG, 3 semanas após o início dos sinais, paciente apresentava paraplegia, ausência de nocicepção superficial e profunda nos membros pélvicos, ausência de propriocepção nos membros pélvicos, reflexo patelar esquerdo

com clonus e direito aumentado, reflexos flexores presentes e retenção urinária. O paciente foi encaminhado para realização de tomografia computadorizada, que sugeriu discopatia entre T13-L1, com material predominantemente mineralizado, extradural, no interior do canal vertebral, além de migração caudal de conteúdo discal e/ou hemorragia entre L1-L2. O paciente foi encaminhado para procedimento cirúrgico através da técnica hemilaminectomia toracolombar (Figura 34), durante a qual foi visualizada estrutura ventral à dura-máter, cranial ao espaço intervertebral de L1-L2, macroscopicamente compatível com disco intervertebral, sendo indicativo de extrusão de disco intervertebral Hansen tipo I. Foi indicada fisioterapia para recuperação cirúrgica.

Figura 34 – Procedimento de hemilaminectomia para correção de extrusão de disco intervertebral Hansen tipo I em cão



Legenda: A) Procedimento de hemilaminectomia nos espaços intervertebrais de T13 a L2. B) Material mineralizado retirado do canal medular entre L1-L2 (seta).

Fonte: HV/UFMG, 2023

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de estágio supervisionado no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais foi de suma importância para minha formação como médica veterinária. Por se tratar de uma renomada instituição de ensino foi proporcionado contato com profissionais conceituados de diversas áreas e especialidades, com oportunidade de aprender com eles através de participação em aulas, palestras e momentos de discussão de casos, o que permitiu ampliar os conhecimentos adquiridos durante os 5 anos de graduação na Universidade Federal de Lavras.

A infraestrutura do setor de cirurgia de pequenos animais da Universidade se mostrou funcional e capacitada para receber pacientes, profissionais e estudantes, o que colabora para

a execução das tarefas diárias. Além disso, a casuística do hospital durante o período do estágio foi ampla, possibilitando acompanhamento de procedimentos inéditos para muitos estagiários.

Ademais, é de conhecimento geral que a vivência prática durante o curso de Medicina Veterinária é indispensável para a formação de bons profissionais. A partir disso, têm-se a importância da disciplina PRG107 – Estágio Supervisionado como forma de auxiliar alunos no último período do curso a desenvolver raciocínio clínico e habilidades práticas que possibilitem sua inserção no mercado de trabalho.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSALI, G. D. et al. **Consensus Regarding the Diagnosis, Prognosis and Treatment of Canine and Feline Mammary Tumors** - 2019. Brazilian Journal of Veterinary Pathology, v. 13, n. 3, p. 555 – 574, 2020.

Confederação Brasileira de Cinofilia (CBKC). Disponível em: <https://cbkc.org/racas>. Acesso em: 15/10/2023

DAGLI, M. L. Z. **Introdução à oncologia veterinária**. In: Jericó, M.M., Andrade Neto J.P. & Kogika M.M. Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos. Vol.1. Roca, Rio de Janeiro. 1238p.

FOSSUM. T. W. **Cirurgia de Pequenos Animais**. 4ª edição. Mosby Elsevier Editora, 2015;

KIM J. C.; TSENG, S. C. **Transplantation of preserved human amniotic membrane for surface reconstruction in severely damaged rabbit corneas**. 1995 Sep;14(5):473-84. PMID: 8536460.

Matriz Curricular e Ementa G007 - Medicina Veterinária (Bacharelado) 201601. Disponível em: https://sig.ufla.br/modulos/publico/matrizes_curriculares/index.php

MEUTEN, D. J. (Ed.). **Tumors in domestic animals**. 5. ed. Ames: John Wiley & Sons, 2016. 1000 p.

MOREIRA, H.; OLIVEIRA, C. S. de. **Transplante de membrana amniótica**. Arquivos Brasileiros de Oftalmologia [online]. 2000, v. 63, n. 4 [Acessado 3 Novembro 2023], pp. 303-305. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0004-27492000000400012>>. Epub 09 Abr 2007. ISSN 1678-2925. <https://doi.org/10.1590/S0004-27492000000400012>.

PIERMATTEI, D. L.; FLO, G. L.; DE CAMP, C. E.; JOHNSTON, S. A.; DEJARDIN, L. M.; SCHAEFER, S. L. **Brinker, Piermattei, and Flo's handbook of small animal orthopedics and fracture repair**. 5. Ed. St. Louis: Saunders Elsevier, 2016. P . ISBN:978-1-4377-2364-9.

TOBIAS, K.M.; JOHNSTON, S.A. **Veterinary surgery: small animal**. 1a ed., St Louis (MO): Elsevier, 2012. 2332p.

ULIANA, L. M. A. **Linfoma alimentar em felinos: revisão de literatura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Medicina de Felinos). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/233657>

WARZEE, C. C.; DEJARDIN, L. M., ARNO CZKY, S. P.; PERRY, R. L. **Effect of tibial plateau leveling on cranial and caudal tibial thrusts in canine cranial cruciate-deficient stifles: a in vitro experimental study**. *Veterinary Surgery*, v.30, n.3, p. 278-286, 2001. Doi: 10.1053/jvet.2001.21400